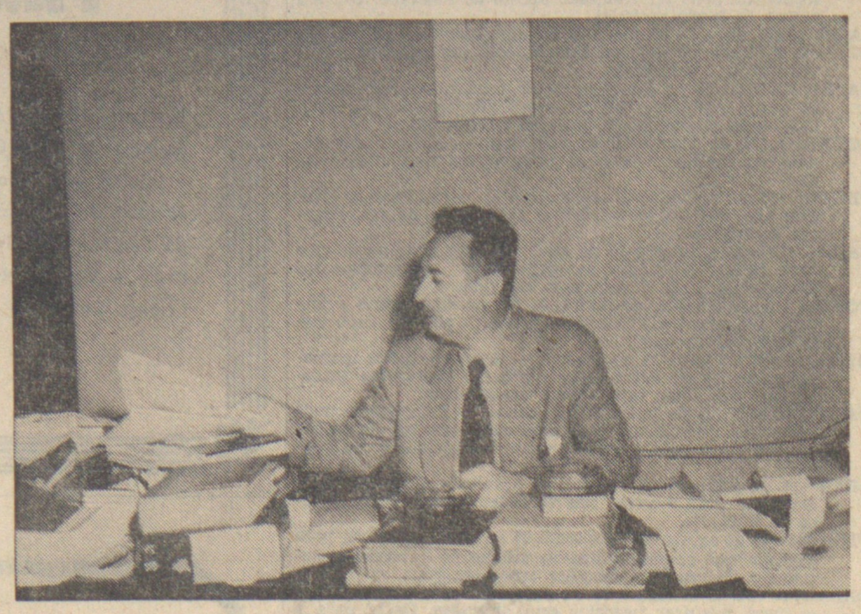
CMP 1.2.2.62

FOLHA ILUSTRADA

FOLHA DE S. PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL ANO XLVI SÃO PAULO, 5.ª-FEIRA, 10 DE NOVEMBRO DE 1966 N.º 13.661

MOÇO, EM PARIS



O JORNALISTA

AMIGO DO LIVRO

AUTOGRAFANDO

A morte em que não pensava arrebatou Sergio Milliet

Sergio Milliet da Costa e Silva nasceu em S. Paulo no dia 20 de setembro de 1898, numa pequena casa em frente à Biblioteca Municipal, da qual seria diretor, a convite do prefeito Prestes Maia, aos 45 anos. De origem francesa pelo lado materno, sua ascendencia dessa nacionalidade data do começo do seculo passado. Seu pai, Fernando da Costa e Silva, era filho de um comerciante português.

O pequeno Sergio fez o curso primario no Grupo Escolar Maria José e em seguida o ginasial no Colegio Macedo Soares e no Ginasio de São Bento. Em 1912, viajou para a Suiça, estudou na Escola de Comercio de Genebra e na Universidade de Berna (Ciencias Economicas e Sociais), regressando ao Brasil em 1919. Iniciou-se literariamente, mais ou menos por essa epoca, com dois livros de poemas em francês: «Par le Sentier» e «Le Départ sous la Pluie».

Em 1922, em S. Paulo, participa dos preparativos da Semana de Arte Moderna. Sente-se brasileiro, «mas do Brasil sem colarinho/ do Brasil negro/ do Brasil indio», como declara através do escalonamento dos seus versos. De novo na Europa em 1923, publica «L'Oeil de Boeuf» (Antuerpia). Passa depois a residir em Paris, onde permanece dois anos.

De volta a S. Paulo, Sergio Milliet publica «Poemas Analogos», em 1927; «Terminus Seco», em 1930; «Roberto» (romance), em 1935; «Marcha à Ré» e «Roteiro do Café», em 1937. Já então, havia dois anos, era o diretor do Departamento Municipal de Cultura, por indicação de Mario de Andrade. Ali renovou inteiramente a «Revista do Arquivo», dando-lhe a substancia cientifica de cuja falta a publicação frequentemente se ressentia e que lhe valeu merecida projeção internacional.

AÇÃO MULTIFORME

Pouco antes, fôra bibliotecario da Faculdade de Direito, na epoca do seu romance «Roberto». Em sua ação multiforme de homem de pensamento, por tudo se interessando e a tudo estendendo o esforço de sua pesquisa, Sergio Milliet era muito mais do que o jornalista que da imprensa tirava o pão de cada dia. Assim, paralelamente às suas atividades profissionais cotidianas, podia ser sucessivamente convidado, a partir de 1937, a representar o Brasil no Congresso de População de Paris, a lecionar na Escola Livre de Sociologia e Politica, a dirigir a Biblioteca Municipal e a integrar o Conselho Nacional de Estatistica.

Jornalista, sociologo, ensaista, romancista, poeta, pintor, critico literario, Sergio Milliet podia publicar ainda, em 1940, "Pintores e Pinturas", em 1941 a novela "Duas Cartas em Meu Destino" e em 1943 "Marginalidade da Pintura Moderna", "A Pintura Norte-Americana" e o livro de poemas "Valsa Latejante". Como homem de imprensa, trabalhou no "Diario Nacional", no "O Tempo" e até à sua morte, no "O Estado de São Paulo". Sua ultima cronica nesse diario, publicada no dia mesmo em que faleceu, foi um comentario de bom-humor e nenhuma ilusão sobre as eleições brasileiras do proximo dia 15...

Escrevendo em 1958 a respeito da poesia de Sergio Milliet, observava o poeta Pericles Eugenio da Silva Ramos que "a tonica de seus versos é o cansaço, a frustração, a irremissivel tristeza, a falta de solução para sua vida", essa vida que se findou ontem e em relação à qual sua filosofia parece conter-se nestes outros versos: "E que importa o quadrado da distancia/ se só a terra nos atrai/ se só a terra nos convida?/... Que adianta se enunciarem as equações/ se "x" é sempre igual a zero?/ Se os mortos não voltam mais..."

PERFIL

Em 1951, em perfil biografico escrito por Tavares de Miranda, publicavamos nestas colunas os seguintes "Traços de Identidade" de Sergio Milliet, por ele proprio fornecidos:

"Altura: 1 metro e 71 centimetros.

Colarinho: 38.

Peso: 74 quilos.

Sapato: 40.

Usa oculos para ler.

Não é grisalho. Os cabelos são castanhos.

Não tem côr preferida. As cores o interessam na sua combinação e não isoladamente.

Gosta de toda comida bem feita: francesa ou brasileira.

Adora comida baiana com bastante azeite de dendê; cuscuz paulista e feijoada.

Come pimenta crua com pão.

Bebe cachaça.

Não come sobremesa nunca. Tem horror a doces.

Bebe de tudo; à tarde sempre toma o seu uisque.

Não vai ao teatro por falta de tempo, mas lê bastante teatro.

E' leigo em cinema. Gosta como qualquer pessoa. Prefere as peliculas comicas, particularmente as do humor absurdo. Adora desenho animado.

Falando de musica, prefere a musica popular.

Não sabe se entende de artes plasticas, mas gosta muito e pinta os seus quadrinhos.

Não dança mais. Em compensação, ainda joga tenis e gosta de guiar automovel, possuindo um Citroen com o qual de vez em quando dá boas trombadas".

SUPERSTIÇÃO

"É muito supersticioso. Tem todas as superstições e tem medo que lhe contem mais alguma, porque a adquire na certa.

Adora crianças.

Tem horror aos telefones, talvez porque viva cercado deles.

Poetas preferidos: não tem poetas preferidos e sim poemas, posto que a seu ver todo poeta tem seus momentos felizes.

Falando sobre o romance brasileiro do passado, disse que aprecia Machado de Assis e Raul Pompéia, este principalmente. Considera "O Ateneu" o melhor livro de ficção da literatura brasileira. Quanto aos contemporaneos, aprecia entre outros Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Cornelio Pena.

Quanto aos contistas: dificil classificá-los, como na poesia. Há contos. Muito raro encontrar-se um rumo.

Sobre a literatura brasileira disse: "Acho que é uma literatura que se situa num alto nivel em relação à literatura internacional".

Sobre o modernismo: "É um termo que só tem interesse cronologico. Há boa e má literatura em qualquer tempo".

CRITICA, PINTURA ETC

"Sobre a critica disse que, sendo critico, era suspeito para falar. Mas citou entre os mais interessantes: Sergio Buarque de Holanda, Alvaro Lins, Moisés Velinho, Roberto Alvim Correia, sem esquecer o pioneiro Tristão de Ataide. Lamenta que alguns escritores bem dotados, como Antonio Candido e Osmar Pimentel, a tenham abandonado.

Pintores estrangeiros preferidos: Braque, Rouault, Matisse, Picasso e Morandi, na ordem de preferencia. Acompanha com muito interesse as pesquisas e realizações abstratas, mas não crê que o abstracionismo possa suplantar a pintura figurativista.

Entre os pintores nacionais lembra: Segall, Portinari, Di Cavalcanti, Maria Leontina e Milton da Costa, entre outros.

Falando em politica, disse que está cada vez mais desiludido com a que se pratica entre nós.

Não pensa na morte.

Tem medo de viajar de avião e só viaja de avião.

Sobre o futuro: aspira a aposentar-se e ir viver na Praia Grande, onde tem um rancho.

Sobre religião: não cogita de assuntos religiosos".

O homem e á obra

José Geraldo VIEIRA

Há exatamente vinte anos que conheci Sergio Milliet naquele setor da cidade de São Paulo que mais se assemelha a Saint-Germain-des-Prés, por ser aqui a "paroquia" dos intelectuais como o é em Paris aquela encruzilhada do bulevar Saint-Germain, rue de Rennes e rue Bonaparte. Sim, conheci-o na sua paroquia entre a rua São Luis e a rua 7 de Abril e entre a avenida Ipiranga e a rua da Consolação, parametro este que tem como vertical laica a torre da Biblioteca Municipal, da mesma forma que o bairro de Léo Larguier tem acolá como pinaculo a torre da abadia medieval.

Pois é impossivel separar-se Sergio Milliet, em São Paulo, desse labirinto urbano bem paulista ladeado por arranhacéus e jacarandás, pavimentado por asfalto e folhas graudas de heras. Ele herdou de Mario de Andrade aquela subprefeitura. Quanto ao outro Sergio Milliet, que navios cargueiros e aviões levavam para longe do Brasil, suas pousadas eram as geleiras da Suiça, uma das salas da Liga das Nações, algum bar de Montparnasse...

Como figura humana sempre solidaria, só o sei comparar a Léon-Paul Fargue, o andarilho diurno e noturno das metropoles; pois ambos tinham o viro cinetico do contato com as multidões difusas e o viro estatico da mesa de bar. Dali, através da transparencia dum copo, ambos viam a rua, as calçadas, as arvores, os anuncios luminosos. E ali recebiam os amigos para longas conversas. Um solitario encravado na massa humana.

Humanista, tendo como eponimo Montaigne, deixou uma obra onimoda que o retrata e que serve de lente dioptrica para a sua visão do mundo.

Jornalista, diretor de biblioteca, alto funcionario municipal e internacional, se dedicou apaixonadamente à cultura, elegendo porem alguns setores dela como seus reinos. As artes visuais têm nos muitos volumes do seu "Diario Critico" um servidor atento e arguto. A novelistica teve em "Roberto" o seu arquetipo lirico e cetico; a poesia o absorveu em transes carismaticos e ludicos, de que "Oh Valsa Latejante" é o ritmo alternado e telecinetico. A noção de responsabilidade ai está em volumes do gabarito de "Marcha a Ré" e "Roteiro do Café". Não perdemos, portanto, uma promessa em potenciais avulsos, pois ele se realizou totalmente, e a sua obra de criação e de critica constitui um complexo maciço de sensibilidade pois Sergio era um vidente e um oraculo.

O seu lugar na sua geração é insubstituivel, de tão repleto que está da sua operosidade em "full time". Mas perdemos a criatura. Criatura amada por mulheres e por arcanjos, por gente de bar e por gente de gabinete, criatura tão amoravel que os seus amplexos na rua eram catatonicos, verdadeiras garras comprimindo em aperto paroxistico os seus braços em torno de cada amigo. E quantos não deixa ele?! O grande foragido de casa, o ente locomotor que havia nele e que o fazia preferir a "paroquia", o ser ubiquo quando imovel, estatico quando diante da Vida, da Arte, da Inspiração e da Ajabilidade, esse é que perdemos. Não o verão mais as escadas da Biblioteca nem as heras que engrinaldam os pés das crianças e dos mendigos do jardim. Não o verão mais as mesas Belle Époque dos bares que ele transformava em simposios. Não o verão mais os amigos do Clubinho, das exposições, das redações, dos passeios a esmo, e que, rodeando-o qual Fargue ou Carco, ou qual Jackson de Figueiredo, o seguiam pelos periplos noturnos discutindo metaforas rodopiantes como as estrelas convulsivas de Van Gogh vistas por entre as arvores das calçadas... Fica a sua obra, para consulta e compreensão. Oh! Que triste e plumbeo está S. Paulo sem Sergio, o pertinaz acendedor de emoções no quadrilatero da paroquia cujo pinaculo é a torre da Biblioteca!...

Em que lugar do Mundo...?

Como se chama este porto maritimo?

(Resposta na pagina 7)